



IFÁ LUCUMÍ

O Resgate da Tradição

NEI LOPES

Rio de Janeiro | 2020



COPYRIGHT © 2019

Nei Lopes

EDITORAS

Cristina Fernandes Warth

Mariana Warth

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO, PROJETO GRÁFICO E CAPA

Daniel Viana

ILUSTRAÇÕES DE CAPA E MIOLO

Pedro Rafael

PREPARAÇÃO DE TEXTO E REVISÃO

Eneida D. Gaspar

PRODUÇÃO DE EBOOK

[S2 Books](#)

Este livro segue as novas regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Todos os direitos reservados à Pallas Editora e Distribuidora Ltda. É vetada a reprodução por qualquer meio mecânico, eletrônico, xerográfico etc., sem a permissão por escrito da editora, de parte ou totalidade do material escrito.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L854i

Lopes, Nei, 1942-

Ifá Lucumí [recurso eletrônico] : o resgate da tradição / Nei Lopes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Pallas, 2020.

recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-65-5602-003-7 (recurso eletrônico)

1. Ifá (Religião). 2. Filosofia e religião. 3. Iorubá (Povo africano) - Religião. 4. Oráculos. 5. Livros eletrônicos. I. Título.

20-64642

CDD: 299.6132

CDU: 259.4-544.8

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135



PALLAS

Pallas Editora e Distribuidora Ltda.

Rua Frederico de Albuquerque, 56 – Higienópolis

CEP 21050-840 – Rio de Janeiro – RJ

Tel./fax: 21 2270-0186

www.pallaseditora.com.br | pallas@pallaseditora.com.br

No oráculo de Ifá estão presentes interrogações ontológicas que o ser humano sempre se faz: a busca da verdade, a origem da vida, sua razão de ser, o destino da humanidade e o destino individual

Fernández Martínez / Porras Pott (1998, p. 57)

Eu rezava “de ouvido”. Com Ifá, eu rezo como quem toca numa orquestra, lendo partitura.

De um músico no Rio de Janeiro, em 2005

Ifá es Inteligência, Fuerza e Asimilación!

Wilfredo Nelson, Erdigbre

Houve poucos Babalaôs verdadeiros no Brasil e atualmente não os há mais.

Olga Gudolle Cacciatore, (1998, p. 60)

*Em memória de Gilberto de Jesus (“Popó”) e José Jorge Pompeu Campos (“Joquinha de Iroko”),
por nossos primeiros passos. Ibaê!!*

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Saudação](#)

[Epígrafe](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Advertência](#)

[Sobre a grafia](#)

[Introdução](#)

[Capítulo 1. Origens Históricas da Tradição de Ifá](#)

[Capítulo 2. O Culto a Orunmilá](#)

[Capítulo 3. O que é Ifá](#)

[Capítulo 4. Ifá e a Existência](#)

[Capítulo 5. Os Odus](#)

[Capítulo 6. Orixás, Irunmolés e Eborás](#)

[Capítulo 7. Da África para as Américas](#)

[Capítulo 8. A Criação Reinterpretada](#)

[Capítulo 9. O Ifá Lucumí](#)

[Capítulo 10. As Divindades Lucumís](#)

[Capítulo 11. Odus, a Continuidade](#)

[Capítulo 12. Aculturação e Outras Questões](#)

[Capítulo 13. Conclusões](#)

[Referências](#)

[Termos para busca](#)

ADVERTÊNCIA

Os saberes de Ifá são iniciáticos, acessíveis somente àqueles que passaram pelos ritos de iniciação, conjunto de cerimônias que marcam o ingresso em uma sociedade fechada, principalmente de caráter místico. Assim, este livro não “ensina” Ifá: seu objetivo é apenas apresentar ao público em geral uma forma de religiosidade tão antiga quanto mal conhecida ou mal interpretada; que une espiritualidade e racionalidade, filosofia e tecnicidade; que fundamenta e justifica inúmeras práticas rituais erroneamente consideradas como crendices ou superstições. Com ele pretendemos mostrar que Ifá não é um “jogo de adivinhação”, e muito menos uma linha auxiliar, subsidiária de vertentes religiosas supostamente mais importantes, embora possa e deva ser consultado por sacerdotes de outras vertentes de matriz africana. Ifá é um sistema completo de comunicação com o mundo invisível, em redor do qual se desenvolveu uma religião que veio da África para as Américas no ambiente do tráfico negreiro e que, a partir do século 20, tida já como desaparecida, principalmente no Brasil, se expandiu e ramificou a partir de Cuba – na vertente **lucumí** –, e fez adeptos em várias partes do mundo moderno.

SOBRE A GRAFIA

Nesta obra, a grafia das palavras de origem africana já acolhidas pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (OLP, 2009) obedecem à norma oficial. As demais obedecem ao padrão utilizado, por exemplo, em Prandi (2008), por ser, na avaliação do Autor, simples e absolutamente coerente.

Na escrita dos termos em lucumí, o iorubá utilizado em Cuba, optamos pelo padrão gráfico do espanhol cubano, abandonando a grafia anglicizada, comum na Ilha. Assim, temos: **Changó** em vez de *Shango*; **Ochún** em lugar de *Oshun* etc. Os dígrafos “bb”, “dd” e “gg”, eventualmente encontrados em textos sobre as religiões afro-cubanas, são substituídos respectivamente por “b”, “d” e “g”, pois estas não são consoantes duplas no espanhol.

Para melhor entendimento, buscamos, sempre que possível, escrever os nomes e conceitos já incorporados ao português do Brasil seguidos da forma em iorubá (cf. Abraham, 1981) entre parênteses. Já na parte especificamente relativa ao Ifá em Cuba, a partir do Capítulo 7, grafamos, quando da primeira ocorrência, na forma lucumí, seguida da forma brasileira entre parênteses. Ex: **Changó** (Xangô); **Ochún** (Oxum). Depois, prosseguimos, naturalmente, com essa forma.

Ainda seguindo o padrão hispano-cubano, adotamos as regras de acentuação tônica derivadas do espanhol, em que só é usado o acento agudo, e as palavras monossílabas não são acentuadas (*Le, Mi*), salvo no caso de acentos diferenciais. Entre as polissílabas, as oxítonas são acentuadas quando terminam em vogal (**Changó, batá, odú, orí**) ou vogal seguida de “n” ou “s” (**Ochún, orikís**), e quando a sílaba tônica é o “u” ou “i” de um hiato (**yeún**). As paroxítonas são acentuadas quando terminam com uma consoante diferente de “n” ou “s” (*Bolívar*), com uma consoante qualquer seguida por “s” (*bíceps*) e com outras terminações quando a sílaba tônica é parte de um hiato (**Odúa, babaláo, Oroíña, Ojuáni**). As proparoxítonas (**Orúnmila, Aberikúkeye**) e superproparoxítonas (*débasele*) são sempre acentuadas. Nas palavras compostas, só se conserva o acento tônico da última (opón-Ifá > **oponifá**); mas, nas palavras com acento tônico, conservam-se o trema, usado para indicar a pronúncia do “u” em “güe” e “güi” (**Nangüé**), e o til usado para nasalizar o “ñ” (**Bañaní, Oroíña**). Note-se que o “y” é uma consoante, sendo assim tratado ao se aplicarem as regras de acentuação.

Na grafia do iorubá, os acentos têm significado diferente do que têm em português. O iorubá é uma língua tonal: cada vogal pode ser falada num tom baixo, médio ou alto (algo como dó, mi, sol), dando significados diferentes a palavras com as mesmas letras. O acento grave (̀) indica o tom mais baixo, e o agudo (´), o tom mais alto. Já a vogal aberta (escrita em português á, é, ó) é indicada por um ponto abaixo da letra. E um ponto sob um “s” indica que sua pronúncia é “ch” (**Sàngo** = Xangô).

Nessa versão digital da obra, escolhemos substituir o ponto sob as letras por sublinhado, permitindo, assim, pleno suporte aos diferentes aparelhos e programas usados para a leitura dos livros digitais.

INTRODUÇÃO

O sistema que forma o conjunto de crenças e práticas no qual se insere o Culto de Ifá, desde 1961, por resolução de um congresso de estudos teológicos realizado em Abidjan, na Costa do Marfim, é oficialmente denominado “Religião Tradicional Africana” (Altuna, 1993, p. 369). Nesse conjunto, a concepção fundamental é aquela segundo a qual todos os seres do Universo são dotados de energia ou força vital, integrando-se numa cadeia energética na qual, acima de tudo e de todos, paira o Ser Supremo, que é a Força por si mesma e a origem de toda a energia que impulsiona a Existência. Abaixo Dele, situam-se os outros seres e entidades, visíveis ou não, responsáveis pela pulsação do Universo (Lopes; Macedo, 2017, p. 248–249).

Para os iorubás, povo oeste-africano notabilizado por ter trazido para as Américas o culto às forças conhecidas como Orixás, o Universo é vivenciado e compreendido como um processo dinâmico em que forças se atraem e repelem, se equilibram e desequilibram. Segundo essa cosmovisão, o equilíbrio não configura uma harmonia estática, mas uma situação de constante movimento, de união e oposição, o que também ocorre não só na Natureza como também em dimensão sobrenatural, no universo das divindades (Adékòyà, 1999, p. 75).

COMUNICAÇÃO COM O SAGRADO

O caminho trilhado por toda religião para atingir seus objetivos finais é a comunicação com o Sagrado, ou seja, com a dimensão sagrada da Existência. Assim, os dicionários, de um modo geral, definem religião como um conjunto determinado de crenças e dogmas que regem a relação dos seres humanos com a Força Suprema acima mencionada. Em busca ou na prática dessa comunicação, as diversas religiões convergem para momentos específicos. Na religião católica esse momento é a missa; assim como, no judaísmo o são os rituais na sinagoga; e no islamismo, os realizados na mesquita ou fora dela. Na religião de Ifá, o epicentro é a consulta ao Oráculo. E isto porque os rituais não envolvem transe, já que, em Ifá, a comunicação dos orixás e demais forças sobrenaturais com os humanos dá-se através das “falas” dos odus (signos), como veremos adiante. Efetivamente, Ifá é um sistema divinatório e não um “jogo”, como equivocadamente se costuma identificá-lo.

Através dos séculos, várias civilizações conheceram oráculos. E o termo “oráculo” tanto pode se referir a uma divindade que responde a uma consulta de um ser humano, quanto ao santuário dessa divindade; e também à resposta dessa divindade ao que lhe foi perguntado. Ifá, entretanto, é mais ainda.

Na Antiguidade, gregos e romanos, quase sempre considerados o modelo civilizatório do chamado “mundo ocidental”, nada faziam de importante sem consultar seus deuses. Na Grécia, os oráculos eram presididos cada um por um deus, e acionados por sacerdotes ou adivinhos que agiam como intermediários e intérpretes. O mais confiável e procurado de todos era o Oráculo de Delfos, assim denominado em alusão à cidade onde se localizava. E além deste, outros também se tornaram célebres, em Roma, no Egito e em outras partes do mundo.

Observe-se que o vocábulo “auspício”, sinônimo de presságio, prenúncio ou augúrio, tem origem na palavra *auspicium*, do latim, assim definida: “Observação do voo e do canto de certas aves que serviam para os agouros; adivinhação, predição pelo voo, canto, modo de comer das aves” (Saraiva, 2000, p. 131). Veja-se aí, também, que a palavra “agouro” é usada no sentido geral (bom ou mau) de prognóstico, profecia, presságio, adivinhação. Como aliás é também o vocábulo árabe *awf*, que algumas hipóteses veem como tendo a mesma raiz do iorubá *Ifá* e dos correlatos *Fá*, da língua fongbé falada no atual Benim; *afa*, dos ibos do sudeste nigeriano; e do verbo *alfa* que, entre o povo fulâni da Nigéria, tem o significado de “adivinhar”.

Ifá é também semelhante ao I Ching, método divinatório da tradição chinesa, cujas figuras – os hexagramas – são formadas por séries de linhas inteiras e partidas, de modo semelhante aos elementos que compõem as representações gráficas dos odus.

Independentemente de qualquer semelhança com outros sistemas ou métodos, *Ifá*, procuramos mostrar ao longo desta obra, é, antes de tudo, uma vertente religiosa singular, que se baseia na interpretação de prognósticos sobre situações existenciais e naturais; prognósticos esses fornecidos pelo Oráculo cujo patrono é Orunmilá.

O oponifá (bandeja ou tabuleiro) e o opelê (corrente metálica dupla com quatro elementos incrustados em cada uma das partes) são objetos rituais fundamentais do sistema divinatório *Ifá*.



opanifá



opelê

ORIKI (LOUVAÇÃO) DE ORUNMILÁ

1. *Orunmila! Eléri Ìpín* (Orunmilá! Testemunha do Destino)
 2. *Ibikeji Olódùmarè* (O segundo depois de Olodumare)
 3. *A-je-ju-Oogun*, (Muito mais eficaz que os remédios)
 4. *Okitibiri, Apiwo Ikú da* (O que afasta o perigo e muda a data marcada para a morte)
 5. *Oluwa mi, A-to-i-ba-j'aye*, (Meu Senhor, Onipotente salvador)
 6. *Oro a-bi-ku-j'igbo*; (Misterioso espírito que combate a morte)
 7. *Oluwa mi, A ji ki* (Meu Mestre, o primeiro a ser saudado de manhã)
 8. *Oyígíyigí Agbayegun*; (Equilíbrio irremovível que ajusta as forças do Universo)
 9. *Odudu ti indu orí emere*; (Aquele cujo esforço reconstrói a criatura de mau destino)
 10. *A-tun-orí-ti-ko sowón se*, (Precioso reparador da má sorte)
 11. *A-mo-i-ku*. (Aquele que Vos conhece torna-se imortal)
 12. *Oluwa Àiyédè*, (Meu Senhor mal compreendido)
 13. *Ogiri Ile-llogbon*; (Muralha da Casa da Sabedoria)
 14. *Oluwa mi; amo imo tan*, (Meu Senhor de conhecimento infinito)
 15. *A ko mo O tan ko se*, (Aquele que não vos conhecer completamente, fracassará)
 16. *A ba mo O tan iba se ke*. (Mas o que Vos conhecer com profundidade progredirá)
- (Tradução aproximada a partir de Beniste, 2010, p. 99–100, e Martins, 2012, p. 131–132.)

CAPÍTULO 1.

Origens Históricas da Tradição de Ifá

Bem antes da Era Colonial, os povos depois reunidos sob a denominação “iorubás” constituíam uma federação de cidades-estados tendo como centro Ilé Ifé. E o termo *yorùbá*, significando algo como “astucioso”, era usado pelos fulânis ou hauçás para denominar apenas o povo de Oyó (Bascom, 1969b, p. 5). A partir da primeira metade do século 19, através principalmente da ação de missionários religiosos, certamente para facilitar o trabalho evangelizador, e com o incentivo do poder político britânico, o adjetivo *yoruba* passou a ser usado como gentílico. Segundo algumas interpretações, isso era vantajoso para os colonizadores, por sinalizar uma possível reconciliação entre povos outrora submissos à autoridade política do alafim (*aláfin*, “senhor do palácio”, rei) de Oyó e à obediência religiosa ao oni (*oní*, “senhor”) de Ifé, mas que se antagonizavam. Entretanto, os naturais da “Iorubalândia”, de modo geral, sempre preferiram identificar-se por seus etnônimos tradicionais: egbás, ijebus, ijexás etc. (Oliva, 2005, p. 168–169).

Então, a denominação *yoruba* (em português, ioruba ou iorubá) passou a ser usada para unificar e designar esse conjunto de povos aparentados, localizados principalmente no sudoeste do território da atual República da Nigéria e na porção nordeste do atual Benim. Esse território ocupa a parte da África Ocidental banhada pelo Oceano Atlântico, estendendo-se dele, para leste, até o delta do rio Níger, e para o norte. No extremo limite a sudoeste localizam-se os povos ewe, adangbe e ga, provavelmente pertencentes, outrora, ao mesmo grupo cultural que os atuais iorubás. Mas entre os vizinhos imediatos, os mais importantes são os borgus ou baribas e os nupés ou tapas, ao norte; e os ibos, a leste. Ao sul ficam o Oceano Atlântico e os ijos, no delta do Níger.

Na época presente, os iorubás se localizam nos atuais estados de Oyó, Ogum, Oxum e Ondo, aproximadamente. Assim, o iorubá é uma língua falada, com variantes locais, a partir do sudoeste e do sul da Nigéria até a República do Benim, antigo Daomé, a oeste.

Os mais remotos antepassados desses falantes do iorubá viviam, principalmente, numa vasta e fértil região de floresta a sudoeste do curso do rio Níger. Tempos depois, migrantes provenientes do norte dominaram esses nativos e, já miscigenados a eles e tendo desenvolvido uma língua comum, introduziram nova forma de governo. A célebre Civilização de Nok, florescida e desenvolvida nesse ambiente, entre o século 5º AEC [\[1\]](#) e o século 2º EC, teria sido o centro de origem do que hoje conhecemos como “iorubás”.

Habitando em pântanos e lagos ou nas florestas ao longo da costa, como também nas savanas no interior da curva do rio Níger, o antigo povo de Nok desenvolveu

instituições políticas baseadas em laços e tradições familiares. Assim, por volta do século 11, os ancestrais dos iorubás de hoje começaram a formar cidades-estados que, lideradas por chefias dinásticas, foram-se fortalecendo. A história desses povos está principalmente ligada à fundação de dois importantes reinos da costa atlântica: Ilé Ifé e Oyó. O primeiro foi governado por Odudua, que o teria fundado por volta no século 13.

Vale acentuar que uma das lendas sobre a fundação do antigo reino do Benim – que não corresponde ao atual Benim, então chamado Daomé, e cuja capital se localizava na porção leste do atual território nigeriano – reproduz, de certa forma, o mito mais difundido sobre a Criação do Mundo em Ilé Ifé. Nesse relato, uma ave desce do céu, seca as águas que cobriam a Terra e, sobre o chão seco, cria o país. Uma segunda lenda atribui a fundação a migrantes vindos de um lugar mais a leste ou do “Oriente” longínquo, os quais, juntamente com outros grupos locais, teriam estabelecido seu reino em uma Ilé Ifé já existente desde os tempos primordiais. Alguns deles deixaram mais tarde o país, seguindo em direção ao sul. Já o reino de Oyó tem sua fundação atribuída a Oraniã (*Òráníyàn*), filho ou neto de Odudua (Lopes; Macedo, 2017, p. 238).

No antigo Benim, os descendentes de Oraniã comerciavam com povos da floresta e da região do Sael, nos limites do deserto. E a atividade comercial foi decisiva para o apogeu vivenciado mais tarde. Assim, enquanto Ilé Ifé ganhava proeminência como centro emanador do poder religioso dos diversos grupos falantes do iorubá (então chamados “oiós”, “ifés” etc.), o reino de Oyó destacou-se como força militar e política, mas também reverente ao oni (senhor) de Ifé, desempenhando papel importante nas relações com povos vizinhos, como nupês (tapas) e borgus (baribas). Prováveis relações com os hauçás teriam levado os iorubás de Oyó a participar também do comércio através do Saara, já no século 14. Nesse intercâmbio, Oyó comerciava noz de cola (obi), manteiga de carité e outros produtos naturais, além de adquirir cavalos e sal em pedra, provenientes do norte (Alagoa, 2010, p. 528).

Por esse tempo, as cidades, mesmo fazendo parte de um reino maior, eram unidades independentes. Em Oyó, por exemplo, o principal governante era o alafim, visto como um rei divino. Por isso, os reinos e cidades sob seu domínio eram governados indiretamente, através de representantes políticos locais que gozavam de larga autonomia (Gordon, 2003, p. 27). Quanto a Ilé Ifé, a importância política de que desfrutou nos tempos antigos foi completamente ofuscada pelo surgimento de outras metrópoles dela originadas. Mas a velha cidade mãe ainda é considerada por muitos dos iorubás contemporâneos como o lugar santo onde os orixás e os humanos surgiram sobre a Terra, enquanto Oyó é a sede do poder político.

Entretanto, Oyó também segue, até hoje, a tradição comum. Tanto que os ritos anuais em honra de Ifá acontecem nove dias após o festival de Xangô, no mês de julho do calendário gregoriano, que desde o século 16 é o calendário “civil” de uso universal. Durante as celebrações, o alafim se mostra em público, com suas vestes de cerimônia e portando seus principais paramentos e insígnias (Palau Martí, 1964, p. 37).

DESDE A ANTIGUIDADE

A tradição de Ifá remonta aproximadamente ao século 5º da Era Comum e servia, notadamente em Oyó e Ifé, em todos os momentos da vida, inclusive na escolha dos governantes. Observe-se que, por volta do século 9º, a prática de escolha de reis por processos divinatórios era conhecida também em outras sociedades africanas, como no Kanem-Bornu, na região do Lago Chade; entre os uolofes e sereres do atual Senegal e também entre os xonas do Zimbábue (Lopes; Macedo, 2017, p. 45). Vale, entretanto, destacar que a prática divinatória de Ifá caracteriza-se como uma forma especial de geomancia.

Método imemorial de consulta a divindades, a geomancia consiste em traçar pontos sobre uma superfície coberta de terra (o nome vem do grego *ge*, terra + *manteia*, adivinhação) e aí lançar ao acaso pedras e outros elementos naturais para, a partir das configurações formadas sobre a terra, deduzir as respostas às perguntas feitas. De modo similar ao que se faz em Ifá.

Uma das versões escritas sobre a origem de Ifá é descrita em uma coleção intitulada *De Olofin al hombre* (Espinosa; Piñero, 1997). Da autoria de Félix R. Espinosa e Amadeo Piñero Napoles, ambos citados em diversos locais como babalaôs cubanos, trata-se de obra importante. Este trabalho circulou a partir de Cuba, chegando a nós ainda na década de 1990, e seus textos têm por base narrativas do corpo literário de Ifá, algumas das quais foram traduzidas e adaptadas para esta obra.

Um dos relatos diz que, num certo momento, Orunmilá teria descido à Terra para estabelecer uma prática religiosa que pusesse freio ao mal que já grassava no Planeta. Para tanto, teria escolhido um ponto equidistante em relação a todos os núcleos populacionais conhecidos. E esse ponto situava-se às margens do rio Nilo, no território do Egito.

Sob o nome Nefer ou Onofre, o grande Orunmilá teria estabelecido as regras do culto e os requisitos indispensáveis para a iniciação de adeptos, da mesma forma que teria facilitado a criação e a aquisição dos instrumentos e materiais para a prática, naquele tempo e lugar. Assim, segundo esta versão, por determinação de Olofim, riscou os dezesseis signos iniciais do Oráculo sobre uma misteriosa pedra branca de forma retangular, instruindo sacerdotes nas técnicas da consulta oracular, bem como nos rituais secretos para transformar o destino; e também em técnicas medicinais e curas magnéticas.

Segundo esta versão, com o passar dos tempos, ao redor do centro onde se reuniam os adeptos criou-se um império, que dominava vastas e diversas regiões e no qual alguns entes divinos encarnaram em crianças predestinadas a ser faraós ou grandes sábios sacerdotes. Esses reinos realizaram, conforme esta versão, obras de construção enigmática, com proporções até hoje surpreendentes. Nessa civilização foi que Orunmilá teria reencarnado em diversas ocasiões como profeta de Ifá, tendo elaborado um “Livro Sagrado”, cujos restos teriam chegado até o presente. E, apesar das

transformações por que tem passado a Humanidade, cumpriu-se o desígnio de que seu culto prevaleceria, como realmente prevaleceu, até os dias que hoje vivemos.

Esta versão sobre a origem de Ifá é provavelmente inspirada em escritura da Maçonaria, sociedade de segredos, só acessível a iniciados, dentro de uma hierarquia. A menção a uma “misteriosa pedra branca, de forma retangular”, onde teriam sido escritos os signos do Oráculo, parece remeter ao episódio bíblico dos Dez Mandamentos. Entretanto, a teoria da ancestralidade egípcia dos antigos iorubás, embora polêmica, não é absurda, sendo acolhida por autores respeitáveis, como Cheikh Anta Diop e J. Olumide Lucas (cf. Lopes, 2011, p. 168). Além destes, o historiador e linguista congolês Théophile Obenga estabeleceu importantes ligações do Antigo Egito com diversas sociedades africanas, como a dos iorubás (Obenga, 1996, p. 265).

A SAGA IORUBÁ

Desde o fim do século 17 até o final do 19, a história dos atuais iorubás, a partir de Oyó, foi uma sequência de longas ou reiteradas campanhas militares contra inimigos, como os do reino do Daomé (também chamado Abomé, o nome da sua capital).

Os daomeanos lutavam por autossuficiência e independência; e os iorubanos exportavam escravos através do porto de Uidá, no Daomé. Em 1698, a cavalaria de Oyó invadiu Aladá, reino do povo adjá (*arará* em Cuba), no sul do território daomeano. Depois disso, Oyó, o maior e mais poderoso dos reinos constituídos pelos falantes da língua iorubá, enviou sua cavalaria contra Abomé em 1724 e 1728 e, como resultado, o rei de Abomé, Agadjá Trudo, viu-se forçado a pagar o tributo anual exigido pelo alafim, monarca de Oyó.

No final desse século 18, o líder dos muçulmanos fulânis, Usman dan Fodio, iniciou sua *jihã* (guerra santa). Pouco mais tarde, as forças sob seu comando submeteram os hauçás e depois os nupês, que eram os mais próximos vizinhos dos iorubás ao norte.

A partir de 1820, e por cerca de dez anos, o território dos povos falantes da língua iorubá foi sacudido por violentos conflitos interétnicos, até que, por volta de 1830, com a antiga cidade destruída, foi fundada a nova Oyó. Após este evento, o alafim Atibá, buscando retomar a importante cidade de Ilorin aos fulânis muçulmanos, conseguiu uma vitória parcial. Essa vitória salvou os iorubás da total absorção pelos muçulmanos fulânis, mesclados aos hauçás, mas os conflitos prosseguiram até a intervenção britânica, meio século depois.

Quanto ao reino de Daomé, com algumas interrupções, que levaram os exércitos de Oyó repetidas vezes à capital Abomé, a vassalagem continuou por um século, até 1827, período em que Oyó interveio por diversas ocasiões nos negócios internos e externos do reino. Na mesma região, a oeste, o reino de Aladá (às vezes mencionado como Arda ou Arada) também pagava tributo a Oyó, provavelmente desde sua queda.

Contudo, disputas entre dinastias contribuíram para enfraquecer o reino. Assim, o alafim Afonjá aliou-se aos muçulmanos e, somando aos seus efetivos um crescente

número de guerreiros convertidos ao islamismo, deu ensejo a uma sequência de incursões às proximidades de outros núcleos de falantes do iorubá, capturando grandes contingentes de pessoas e vendendo-as como escravos e escravas.

Com inúmeros outros desdobramentos, envolvendo a maioria dos povos falantes do iorubá – os quais ecoam em diversos odus de Ifá, mostrando a dubiedade das relações de Oyó com os muçulmanos –, essa longa sequência de guerras foi responsável pelo colapso do grande Império, que se desintegrou completamente, dando lugar a vários reinos pequenos e pobres, sob forte influência islâmica. Por fim, as guerras abriram caminho para a intervenção britânica e a posterior anexação pelos ingleses de todo o território dos falantes do iorubá, que denominaram *Yorubaland*, em português Iorubalândia, estabelecendo a capital colonial na cidade de Lagos, à margem do Oceano Atlântico.

Este foi, em suma, o contexto da vinda para as Américas das lideranças religiosas que aqui reconstruíram, na medida do possível, as tradições oeste-africanas, com destaque para as jeje-iorubanas do reino de Queto (*Ketu*) no Brasil e as chamadas lucumís em Cuba, emanadas principalmente de Oyó, como veremos adiante.

IFÁ EM OYÓ

A tradição de Oyó classifica os babalaôs, sacerdotes de Ifá, numa gradação hierárquica que compreende dezesseis posições, começando nas de *Aràbà*, *Oluó* e *Ojùgbònà*, e incluindo as de *Akóda*, *Aseda*, *Erinmi*, *Aransan*, *Balesin*, *Otun Awo*, *Osi Awo*, *Èkejo Awo*, *Alara*, *Ajero*, *Owarangun*, *Obaleyo*, *Agbonbon*. Dentro dessa hierarquia, somente os *Aràbà* possuem o *igbádù*, a “cabaça da existência” (Abímbòlá, cit. por Martins, 2012, p. 54–55).

Esse elemento, um recipiente hermeticamente fechado, e também referido como *igbá iwà*, é, entre os iorubás, a mais conhecida representação do Universo e da vida nele contida: a metade inferior representa o *Aiê* (*Aiyé*), o mundo dos vivos; e a superior, *Orum* (*Òrun*), o mundo sobrenatural, morada das divindades, cujo senhor é *Olorum* (*Olòrun*). Ele contém em seu interior diversos componentes rigorosamente secretos, cujos significado e natureza são de conhecimento apenas dos arabás, os babalaôs de mais alta hierarquia (Santos, 1976, p. 58). Na Nigéria, o arabá, também conhecido como *bàbàlodù*, é geralmente o babalaô mais velho de sua região ou comunidade; e recebeu o *igbá iwà* ou *igbá odù* (*igbádù*) por sua reconhecida sabedoria e honorabilidade.

De um modo geral, o babalaô serve como sacerdote oficiante para os demais membros da comunidade dos seguidores de Ifá, consultando o oráculo para eles e oferecendo os sacrifícios. Assim, seu aprendizado requer a memorização de pelo menos quatro de cada um dos milhares de parábolas (itãs) existentes para cada um dos 256 diagramas, figurações ou signos (odus) passíveis de ocorrerem como resultado das manipulações dos instrumentos de consulta, tanto os caroços ou sementes de dendezeiro (iquines) como a corrente dupla (opelê). E quanto mais parábolas ele

conheça, sabendo associá-las corretamente às situações que se apresentem, interpretando suas causas e efeitos, mais sábio ele será.

Usando o opelê, o babalaô poderá também interpretar apenas como simplesmente negativa ou positiva a resposta a uma pergunta. Executando seguidamente dois arremessos do instrumento, e observando, nas duas caídas sobre a esteira, qual é a configuração de mais alta categoria, começando pela combinação 1111 e terminando na 2121 (veja Capítulo 2, seção “Teoria e Prática Específicas”), ele obterá a resposta. Se a segunda for mais alta que a primeira, a resposta será positiva.

Segundo uma das tradições, o opelê teria sido inventado por Exu, num momento em que Orunmilá, alvo da inveja de entidades malévolas, foi acometido de lepra, perdendo os dedos. Vendo que o Grande Benfeitor não podia mais manusear os iquines, Exu-Elegbara criou para ele o opelê (cf. Ogundipe, cit. por Silva, V., 2015, p. 101).

Por fim, observe-se, com Bascom (1969b, p. 71), que as mesmas 256 figuras do Sistema de Ifá aparecem no sistema chamado *Sikidy* em Madagascar, no *Abigba* da Nigéria, que aliás também utiliza nozes de cola e búzios, bem como em práticas de povos islamizados do oeste e do norte africanos. Mas segundo o renomado autor, Ifá é o mais prestigioso de todos.

Acrescentemos que o babalaô iorubá e o *bokonon* de Fa, seu correspondente entre o povo fon do atual Benim, são conhecidos por seu vínculo com Ossaim, o orixá das folhas, associado à cura e ao preparo de medicamentos (Parés, 2016, p.117).

CAPÍTULO 2.

O Culto a Orunmilá

Ifá é, então, o oráculo (sistema de consulta) através do qual fala Orunmilá, a divindade iorubana do saber, da ciência, do conhecimento teórico e prático. Mas de tal forma a divindade se confunde com o oráculo, que os nomes Ifá e Orunmilá designam tanto a divindade quanto o veículo de sua comunicação.

Ifá é um sistema completo; e assim desempenha um papel prático bastante significativo na religião tradicional iorubá, oferecendo respostas e soluções para todas as questões existenciais. Seu profundo saber emana de sua importância como representação de uma das Divindades Superiores do panteão iorubano, as quais são responsáveis por todos os aspectos da vida das comunidades iorubás e sociedades vizinhas, como as dos edos e itsekiris nigerianos; dos ewe do Togo (onde é conhecido como *Afa*); fons do Benim (*Fa*); e do povo ga de Gana.

Nos países da Diáspora, especialmente no Caribe, no Brasil e nos Estados Unidos, esta vertente religiosa, repetimos, vem se expressando também através de formas sincréticas, como o candomblé e a *santería*, entre outras. Nessas religiões afro-americanas, muitos dos fundamentos litúrgicos (cores, cânticos, oferendas, rituais, uso de ervas medicinais etc.) estão ligados aos saberes de Ifá. Por isso, a maior parte das divindades são as mesmas, em Cuba, no Brasil e nos Estados Unidos, por exemplo.

Em termos filosóficos, segundo essas religiões, do nascimento ao fenecimento de todos os seres do Universo, tudo começa e termina em Ifá. E se expressa em um imensurável conjunto de ensinamentos, contido nos milhares de relatos míticos (antes puramente orais e agora já escritos) que são matéria fundamental e específica do Culto de Ifá-Orunmilá.

Veja-se, ainda, que as respostas do oráculo Ifá são muitas vezes dadas sob a forma de enigmas. E sobre isso, o grande pensador afro-brasileiro Muniz Sodré – também um adepto da religião dos orixás –, reportando-se à Antiguidade, grega ou não, cita uma sentença do odu Ofun Mêji, um dos dezesseis principais de Ifá. Nela, a resposta do Oráculo, sobre os cabelos brancos da velhice e o saber que o envelhecimento pressupõe, vem em forma de enigma: “O sabão se dissolve na cabeça e desaparece, mas a cabeça continua no mesmo lugar.” (Sodré, 2017, p. 157).

ORUNMILÁ E SEU CULTO

Na teoria das divindades iorubás, Orunmilá (também referido como *Elá*, *Agbonmiregun*, *Ikú-forijin*, *Aláàjikí*, *Okiti-biiri* e *Oyigiyigi*, que são alguns de seus epítetos) é cultuado, juntamente com Odudua e Obatalá, como uma das Altas Divindades que

protagonizaram a Criação do Mundo. Alguns estudiosos, como J. D. Clarke, citado em Abraham (1981, p. 276), chegam a considerá-lo o supremo orixá, dando seu nome “Orunmilá” como um dos epítetos de Olodumare. A razão, entretanto, parece estar com o sábio arabá de Ifé, segundo o qual “*Òrúnmìlà* não foi criado: é o primeiro filho de *Elédùmàrè* (ou *Olòdùmaré*), o irradiador de todos os conhecimentos e transmissor da sabedoria aos homens” (Adékòyà, 1999, p. 63).

Em outra linha de fundamentação, algumas hipóteses querem fazer crer que o culto a Orunmilá, remotamente originário do Egito, teria sido introduzido entre os iorubás depois daqueles dedicados aos outros orixás. Segundo uma outra versão, Ifá teria sido um adivinho nascido em Ifé, líder fundador da cidade de *Ìpétumodù*. Sobre ele, diz-se que teve dezesseis discípulos, dos quais vieram os nomes dos dezesseis odus do sistema divinatório que criou (Abraham, 1981, p. 276), como descrito no Capítulo 10. Esse sistema é também integrado pelo conjunto de escrituras em que se expressam os presságios fornecidos pelos iquines, os caroços do dendezeiro; e do opelê, a corrente com as cascas vegetais côncavas, melhor explicadas adiante.

Uma outra interpretação diz, mais, que Orunmilá é a Divindade que representa Ifá na Terra. De temperamento tranquilo e preciso, simboliza o futuro e é o dono da escrita, porque “escreve” pelos orixás e ensinou aos babalaôs como “escreverem” os textos nos seus tabuleiros ou bandejas de adivinhação, os oponifás. Desta forma, é sempre visto como um erudito, um sábio, por causa de todo o conhecimento e de toda a sabedoria dos odus, que são os textos em forma de parábolas que contêm seus ensinamentos. Quando qualquer orixá deseja um sacrifício, um alimento especial, é através de Orunmilá e do oráculo Ifá que ele envia sua mensagem aos humanos. É também Ele que transmite e interpreta para a humanidade os desejos de Olorum, e é quem prescreve os sacrifícios que Exu leva até o Orum (*òrun*), onde moram as divindades iorubás.

Segundo um entendimento generalizado, Orunmilá, porta-voz de Olofin, e Exu, mensageiro dos orixás e dos homens, se complementam. O primeiro, como revelador e esclarecedor, em suas verdades e significados, da ordem natural das coisas, com suas causas e efeitos, estabelecida pelo Ser Supremo. O segundo, personificando o devir, o inesperado, a surpresa, os caprichos da natureza, expressa a força de tudo o que é contrário à ordem estabelecida. Um é o destino, outro é o acidente; um é a lógica, o outro, o paradoxo. E por isso se completam. Orunmilá é, enfim, o irradiador de todos os conhecimentos e o transmissor da Sabedoria aos seres humanos. E esses saberes é que fundamentam a prática da Religião Tradicional dos iorubás (Adékòyà, 1999, p. 63).

Ifá é, então – repetimos –, o oráculo através do qual fala Orunmilá, e, ainda, o conjunto de escrituras em que se baseia o sistema de adivinhação por meio dos iquines e do opelê. E Orunmilá é o dono da escrita, porque “escreve” pelos outros orixás e ensinou aos babalaôs a “escrever” os textos nas suas bandejas ou tabuleiros de adivinhação, os oponifás. Também é um erudito, um sábio, por deter todo o conhecimento e toda a sabedoria dos odus, que são os textos e signos oraculares de Ifá. E é, ainda, um mediador entre os orixás e os seres humanos. É também Orunmilá quem

transmite e interpreta para a humanidade os desejos de Olofin, e é quem prescreve os sacrifícios que Exu leva até o Orum.

Ressaltemos que o culto de Orunmilá não comporta transe ou possessão, formas usuais de comunicação das divindades africanas com o mundo terreno. E isto porque Orunmilá se comunica especialmente através de seu Oráculo, Ifá.

TEORIA E PRÁTICA ESPECÍFICAS

Como veremos no Capítulo 7, o fato de, no Brasil, a prática divinatória de Ifá não ter, durante muito tempo, feito nascer ao seu redor comunidades de culto, levou os estudos sobre o assunto a caracterizarem-na como atividade secundária, subsidiária, exercida por especialistas aos quais babalorixás e ialorixás recorriam quando necessário. Mas, com o tempo, e a partir de Cuba, pelo menos no que nos foi permitido conhecer, o Oráculo deu nascimento a um culto específico. Assim, Ifá e Orunmilá, sistema divinatório e divindade, passaram a formar um todo uno e indivisível.

Nesse conjunto, Ifá tem por finalidade, analisando a conjuntura espiritual do consulente ou do assunto objeto da consulta, anunciar as perspectivas que se apresentam com o fim de neutralizá-las, se negativas, e potencializá-las, caso positivas. Na consulta, o babalaô manipula dezesseis iquines (nozes ou caroços de dendezeiro, a palmeira do dendê), formando um punhado na mão esquerda, e procurando pinçar a maior quantidade do monte, com a mão direita, de forma a deixar apenas um ou dois caroços. Se, na tentativa, permanecer na mão apenas uma noz, o babalaô riscará, sempre com o dedo médio da mão direita, dois traços verticais paralelos no pó (ierossum) previamente espalhado no tabuleiro (oponifá). Se permanecerem duas nozes, ele riscará um único traço. E se permanecerem mais de duas, a tentativa, nula, terá que ser repetida.

Quatro de cada uma dessas marcas riscadas irão constituir a metade de uma figura com dezesseis formatos possíveis. Segundo a classificação reconhecida a partir de Ifé, a capital religiosa dos iorubás, e escrevendo-as da esquerda para a direita e do alto para baixo, essas combinações binárias podem ser assim representadas: 1111; 2222; 2112; 1221 etc. A ordenação estabelece uma espécie de hierarquia pela ordem de “chegada” (nascimento ritual) de cada uma das figuras, que simbolizam os signos (odus) de Ifá.

A segunda metade a ser marcada no pó do tabuleiro, em coluna vertical paralela à anterior, deverá também apresentar, como a primeira, uma das dezesseis formas possíveis. Disso se depreende que o total de combinações perfaz 16 vezes 16, ou seja, 256 figuras. E este é o primeiro conjunto de signos (odus) do sistema divinatório de Ifá, de acordo com as regras da análise combinatória, ramo da matemática que compreende o cálculo infinitesimal e a teoria das funções.

IFÁ E MATEMÁTICA

Façamos aqui uma breve digressão para observar, segundo pesquisas arqueológicas efetuadas principalmente nas porções central e austral do continente, que, desde a pré-história, ideias matemáticas foram desenvolvidas na África. Mas foi na Antiguidade, no Egito faraônico, por volta de 1650 AEC, que o continente apareceu como o “berço da matemática”, na descoberta arqueológica de uma coleção de problemas com cálculos formulados e selecionados.

Durante o período do domínio grego, muitos cientistas matemáticos célebres, como Euclides, estudaram e pesquisaram no Egito. E após o advento do islamismo, o norte da África, do território egípcio ao Marrocos, foi fundamental no desenvolvimento da álgebra na cultura muçulmana. Inclusive, um sábio marroquino, Al Munim, falecido em 1228, destacou-se na descoberta dos fundamentos da análise combinatória. Esta expressão designa o ramo da matemática que permite enumerar as combinações com que se formam os elementos de um conjunto finito. Modernamente, ele está ligado à Ciência da Computação, a qual, entre outras possibilidades, cria a de computar, contar e executar, instrução após instrução, os programas contidos na memória do computador.

Esses programas são informações codificadas segundo uma representação binária. No Sistema Ifá, eles são representados pelos itãs; e as instruções são os odus, signos ou “letras”. A cada odu que aparece, o Sistema localiza os itãs correspondentes. Eles representam a solução recomendada para o problema apresentado na consulta. E aí está a tecnologia criando e fazendo uso de um conjunto de regras destinadas à comunicação com o Sagrado, para assim resolver os problemas da vida das pessoas e das comunidades.

VOLTANDO AO Oponifá

Retomando a descrição do método de consulta a Ifá, vejamos que, numa prática alternativa, embora menos confiável, o babalaô pode chegar de modo mais rápido às mesmas figuras através do simples arremesso do opelê. A corrente dupla, com quatro elementos côncavos em cada “perna”, é segura pelo meio e atirada com delicadeza no oponifá ou sobre uma esteira, de modo que cada uma das “pernas” caia formando uma figura. A caída de um elemento com a superfície côncava interior voltada para o alto, “aberta”, corresponderá a um traço vertical (1). E à caída com a concavidade para baixo, “fechada”, corresponderá uma marca dupla, de dois traços verticais (2).

Tanto utilizando as sementes de dendê (iquines) quanto a corrente (opelê), tendo chegado à figura completa, com duas colunas paralelas de quatro marcas verticais cada uma, o babalaô terá vislumbrado o primeiro signo (odu) que responde à consulta. Entretanto, ele deverá vislumbrar mais dois, considerados “testemunhas”. E, combinando os três, já terá a possibilidade de transmitir ao consulente a mensagem do Oráculo.

Os odus expressam-se através de itãs (*itàn*), relatos míticos em forma de parábolas ou enigmas, introduzidos por provérbios alusivos. Com essas parábolas são prescritas as providências, potencializadoras ou desmobilizadoras, de acordo com a situação que se apresenta. E isto para que se obtenham os benefícios desejados, removendo barreiras acaso existentes, ou se interrompa o curso de infortúnios anunciados, iminentes ou futuros.

A peça mestra do ritual de consulta a Ifá é, sem dúvida, o oponifá, espécie de prancha ou tabuleiro de madeira, redondo ou retangular, com bordas espessas – para reter o pó ierossu sobre o qual são traçados os signos do destino. Nele são riscados pelo babalaô, com os dedos médio e indicador da mão direita – repetimos –, as figurações dos odus que aos poucos vão sendo revelados pela manipulação dos iquines, os coquinhos de dendezeiro. Nas bordas, esse tabuleiro tem, tradicionalmente, entalhadas figuras simbólicas e, entre elas, a predominante é sempre uma cabeça estilizada, representando Exu-Elegbara, cujos olhos enormes, segundo alguns observadores, parecem fiscalizar o andamento do ritual. Em geral, o mesmo motivo figura nos quatro pontos cardeais do oponifá, sendo que algumas interpretações indicam que esse posicionamento corresponderia, consoante a tradição, ao fato de que Ifá esquadrinha os quatro cantos do mundo, e que nada pode escapar ao seu conhecimento.

A decoração da moldura do objeto é completada por motivos geométricos, e ocasionalmente por representações de animais, como também por elementos destinados a guiar a interpretação dos babalaôs. A fim de lhe garantir sua plena eficácia, o oponifá, quando não está sendo utilizado, deve ser conservado na escuridão, com a face superior virada para baixo ou coberta com um tecido. Assim, a imagem de Exu-Elegbara permanece convenientemente protegida (Falgayrettes-Leveau, 2005, p. 57).

Segundo observação do arqueólogo Leo Frobenius, feita na Nigéria em uma das primeiras décadas do século 20, dos símbolos tradicionalmente entalhados no tabuleiro, na representação dos pontos cardeais, a face de Exu marca o ponto superior do tabuleiro, que aponta para o nascente (leste), direção à qual o babalaô deverá dirigir seu pensamento e suas invocações. Os demais pontos (norte, sul e oeste) são também marcados por entalhes de significado esotérico, acessível apenas a iniciados. O ponto superior do oponifá é domínio do odu Eji Ogbé; o inferior é de Oyeku Mêji; o da direita pertence a Iwori Mêji e o da esquerda a Odi Mêji. O significado desses odus é matéria de um dos capítulos seguintes.

Consoante Frobenius, citando velhos babalaôs que ouviu na África, o oponifá é uma representação do planeta Terra, no qual, por determinação de Olodumare, cada quadrante é o domínio de um dos quatro primeiros odus de Ifá. Nele, nos caminhos que vão de uma a outra das quatro direções, o de leste-oeste é o principal e o de norte-sul vem depois dele. Pela via principal, Exu-Elegbara vai visitar Xangô; e pela segunda,

Obatalá visita Ogum e vice-versa. Assim, por essa construção mítica, torna-se claro que, nos quatro compartimentos do Universo, o leste (nascente) é de Exu, o oeste (ocidente) é de Xangô, o norte é de Obatalá e o sul é de Ogum (Frobenius, 1949, p. 255).

XANGÔ CEDE O OPONIFÁ A ORUNMILÁ

Diz Ifá que, no princípio dos tempos, por determinação de Olofim, Xangô é quem tinha o domínio das artes divinatórias. Sua inteligência, sua fidalguia e outros poderes de que dispunha, fizeram-no merecedor desse privilégio; e assim ele atendia e ajudava muita gente. Mas o temperamento de Xangô era mais para festeiro e farrista do que para o de um sábio conselheiro. Então logo se percebeu que ele gostava mais de dançar ao som dos tambores, em companhia de belas mulheres, do que de ficar concentrado na interpretação do que lhe dizia o Oráculo. Até que reclamações sobre suas preferências chegaram a Olofim. E a elas se juntaram os sentimentos de outros seres divinos que ansiavam merecer o privilégio que Xangô tinha recebido e ao qual não dava muita importância.

Uma noite, numa festa, Xangô, muito alegre e muito vaidoso com a sensação que sua presença causava, dançou melhor do que em todos os muitos festejos a que já tinha ido. Mas logo reparou na presença de um outro dançarino, tão bonito e insinuante quanto ele; e que dançava mais bonito ainda, ao compasso dos tambores.

Pressentindo o perigo que existe em toda e qualquer competição, ao final da festa Xangô pediu ao impressionante bailarino que lhe ensinasse o segredo de sua dança espetacular. No que este concordou, com a condição de que, em contrapartida, Xangô lhe desse os apetrechos que usava para consultar o Oráculo.

Dito e feito. E o surpreendente dançarino era Orunmilá que, desde então, assumiu o domínio do sistema divinatório de Ifá. E que, em homenagem a Xangô, estabeleceu que todo babalaô, quando iniciado nos mistérios de Ifá, tenha a cabeça raspada e pintada, metade de branco, metade de vermelho. O branco simboliza Obatalá, pois foi de quem se valeu Olofim para fazer Xangô entregar os objetos rituais de Ifá. E o vermelho é exatamente Xangô, que foi o primeiro detentor do poder de “conversar” com o Oráculo Ifá.

(Fernández Robaina, 1997, p. 32)

Observemos que, na literatura de Ifá, Xangô é a essência da vida e Orunmilá, a imparcialidade. Neste relato, embora sendo então o senhor das artes divinatórias, Xangô percebeu que o imparcial Orunmilá seria mais útil ao oráculo, e portanto à Vida, do que ele próprio.

IMPORTANTE CORPO LITERÁRIO

Como assinalado em Fernández Martínez (2005, p. 164–165), no universo da cosmovisão afro-cubana há um mundo de infinitas permutações, no qual seres divinos, forças da

natureza, objetos, plantas, rochas e animais se interrelacionam. Nesse mundo, os contos (itãs) vinculados ao sistema Ifá – contados e memorizados pelos sacerdotes, bem como pelos adeptos, e lembrando os avatares, “qualidades” ou “caminhos” das divindades –, sobrevivem e atravessam os anos. Alguns são lendas que explicam os porquês de fenômenos e acontecimentos, outros são parábolas mitológicas e outros mais são fábulas que quase sempre têm importante fundo ético ou moral.

Consistindo de início num corpo literário de 256 “capítulos”, subdivididos em partes cujo número exato é desconhecido e talvez continue aumentando, cada um dos odus tem seu significado específico, que é interpretado e explicado pelo babalaô. Eles expressam a história, a língua, crenças, cosmovisão e questões sociais contemporâneas dos iorubás. Esses conhecimentos foram preservados dentro das comunidades e transmitidos entre sacerdotes, apesar do domínio colonial e das fortes pressões religiosas contrárias.

Entretanto, na África contemporânea, os babalaôs, em grande parte bastante idosos, dispõem de poucos meios para manter a tradição, transmitir seus conhecimentos complexos e treinar futuros sacerdotes. Como resultado, os mais jovens estão, de um modo geral, perdendo o interesse em consultar e praticar Ifá ou vivenciar outra qualquer forma tradicional de cultura. Não obstante, o *corpus* literário de Ifá, formado por obras anônimas que narram problemas enfrentados e solucionados por personagens míticos, deuses e homens (Reis, 2008, p.131), continua sendo uma importante fonte de informação sobre os valores dos iorubás e seu sistema de crenças. Como porta-voz das divindades, Ifá é a “arca do tesouro” dos mitos e dogmas morais referentes a todas elas (cf. Abimbólá, 1996, p. 98). E isto porque, além dos textos literários, concentra um conjunto de saberes ancestrais praticados por diversas comunidades de descendentes biológicos ou religiosos dos iorubás. Devido a essa importância, o sistema divinatório Ifá foi inscrito, em 2008, na lista da Herança Cultural Intangível da Humanidade, instituída pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, 2018).

PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

A distinção, pela Unesco, de uma expressão cultural tradicional como “patrimônio imaterial da humanidade” é o reconhecimento do objeto dessa distinção como um bem que, por sua alta importância, precisa ser protegido e preservado. Desde 1997, a Unesco escolhe, a cada dois anos, os bens merecedores dessa distinção. Assim, em 2008, o sistema divinatório Ifá, nascido entre o povo iorubá, teve reconhecida sua importância como um bem intangível, intocável, de toda a Humanidade.

Isto se deu, primeiro, por Ifá ser uma tradição imemorial preservada por diversos grupos de indivíduos para gerações futuras, em respeito à sua ancestralidade. Depois, pela riqueza desta tradição, que compreende de matemática (análise combinatória) a artes visuais (finos entalhes artísticos esculpidos nas peças artesanais que utiliza).

Como destacou o professor Adriano Migliavacca (2018), especialista em literaturas de língua inglesa atuante na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Ifá encerra em seus “textos mitopoéticos” uma ampla variedade de formas de linguagem, com intervenções poéticas ricas em metáforas e alegorias. Não por acaso, um dos maiores especialistas no tema, o linguista Wande Abímbòlá, também babalaô, em seus estudos aborda Ifá principalmente pelo aspecto linguístico e literário. Ademais, destacando a complexidade deste valioso Sistema, acrescenta o mencionado professor da UFRGS que Ifá, indo além de sua função oracular, divinatória, não só engloba literatura, artes visuais, matemática e filosofia, como, também, articula todos esses saberes.

CAPÍTULO 3.

O que é Ifá

Mais que um oráculo, Ifá, por envolver várias e complexas formas, é um **sistema oracular**, divinatório, de uso exclusivo de babalaôs, sacerdotes da tradição religiosa oeste-africana difundida no continente de origem e na Diáspora, pelo tráfico de escravos. Nas Américas, seu nome é também usado para identificar a divindade Orunmilá, que “fala” através do sistema.

ORIGENS E DIFUSÃO

Expressão religiosa, filosófica e de compreensão da vida, o sistema Ifá foi concebido no seio do conjunto de povos hoje localizados a partir do sudoeste da atual República da Nigéria e em partes das atuais Repúblicas de Benim e Togo, na África Ocidental. Esses povos, como já vimos, embora culturalmente aparentados, constituíram organizações políticas autônomas até o século 19, quando foram arbitrariamente unificados por ação do colonialismo europeu. Mas nesse momento já obedeciam à liderança política do reino de Oyó e a tradições filosóficas irradiadas do reino de Ifé. Assim, do intercruzamento dessas raízes de pensamento e ação política, os saberes emanados do Oráculo Ifá difundiram-se entre o conjunto de povos hoje chamados iorubás e também entre povos vizinhos.

A consulta a Ifá, detalhada em outra parte desta obra, consiste num ritual oficiado por um sacerdote especialmente iniciado e instruído, o babalaô. Manuseando instrumentos especificamente sacralizados, ele leva ao oráculo as indagações do consulente, as quais são paulatinamente respondidas pelos odus, signos através dos quais Ifá se comunica, e cujo significado é detalhado no Capítulo 5. O conjunto desses signos, identificados por grafismos que são desenhados no tabuleiro chamado “oponifá” ou “até”, remetem a parábolas cujos significados, convenientemente interpretados, vão dar ao consulente as orientações sobre como proceder na busca de soluções para seus problemas.

Observe-se que, como o chinês *I Ching* (o vocábulo *ching* é traduzido em português como “livro”), Ifá constitui, além de um sistema divinatório, um conjunto de normas de comportamento, emanadas das divindades iorubás; e assim, pelos saberes que concentra, é também considerado, pela tradição, um livro – embora só na atualidade esses saberes comecem a aparecer escritos de forma sistematizada.

Para melhor compreensão, esclarecemos que o panteão das divindades iorubás compreende majoritariamente os orixás, agrupados sob várias designações, como estudaremos adiante. Nos diversos mitos iorubás sobre a Criação do Mundo aparecem orixás primordiais, como Obatalá (*Qbàtálá*) ou Orixalá (*Òrìṣà Nlá*, o “grande orixá”), Odudua (*Odùduwà*) e Orunmilá (*Òrúnmilá*), entre outros. Acima de todos reina a Divindade (ou Deidade) Suprema, Olodumare (*Olòdùmaré*), muitas vezes expresso como Olorum (*Olòrun*) ou Olofim (*Olófin*) ou mesmo confundido com esses, como também adiante estudaremos.

Entenda-se que as versões diversificadas sobre natureza e prevalência dessas divindades deriva de um simples fato: seus cultos, entre os diversos povos reunidos sob a denominação “iorubás”, compreendiam panteões em alguns aspectos diferentes, com mitos de origem diversos. Assim, poucas eram as divindades objeto de cultos que abrangessem todo o conjunto dos territórios dos povos falantes da língua iorubá e seus dialetos (Verger, 1997, p. 17). Acrescentemos que, mesmo após a normatização do idioma, no século 19, dentro do projeto de unificação dos vários povos que o usam, o iorubá padrão apresenta hoje duas variantes, uma falada a partir de Oyó e outra a partir de Lagos, a antiga capital nigeriana (Rowlands, 1979, p. 1); e isso dá margem a concepções ou interpretações divergentes. Mas o oráculo Ifá e seu patrono Orunmilá tinham e têm abrangência “nacional”, digamos assim; e até mais do que isto.

FUNCIONALIDADE

Concebido como um sistema de mediação necessário, posto à disposição dos ritualistas que o interpretam, os babalaôs, e de seus consulentes, o oráculo Ifá somente informa. Os ensinamentos e conselhos revelados, depois analisados pelo babalaô, permitem àquele que consulta (em iorubá, *adáfá*), estar vigilante e colocar-se em guarda. Graças a Ifá e à medida que se desenrolam as sessões de consulta, um indivíduo pode ter acesso à compreensão dos acontecimentos marcantes de seu passado e, a partir daí, manter-se atento aos sinais do presente, determinantes para seu destino. Mas a consulta tem efeito momentâneo e só a iniciação no culto propicia o acesso ao destino: ela é que assegura ao iniciado seu equilíbrio na cadeia das forças vitais e sua melhor integração com a ordem do Universo.

Do babalaô espera-se não somente o reconforto, a riqueza e as oportunidades, mas também a cura. E isto porque seus conhecimentos não podem se limitar simplesmente às técnicas divinatórias. Em caso de doença, por exemplo, com a ajuda de Ossaim, o orixá das plantas e folhas (remédios da natureza), o babalaô pesquisa as causas do mal, depois prepara os medicamentos por meio de ervas e substâncias diversas para as unções e os banhos, os quais não são escolhidos em graus terapêuticos de importância, mas especificados de acordo com a origem energética do problema. Certos sintomas podem significar distúrbio na sintonia energética do consulente com um orixá ou

ancestral em particular. Então, será necessário organizar cerimônias rituais em intenção da divindade ou espírito descontente.

Sobre a figura do babalaô, façamos aqui um parêntese importante. Em 1953, o célebre fotógrafo e etnólogo francês Pierre Verger, na cidade benimense de Queto (*Ketu*), foi admitido para o aprendizado de Ifá, submetendo-se aos rituais iniciáticos e recebendo o nome *Fatumbi*, “renascido por Ifá”. A propósito, declarou: “Fiz minha iniciação não para ‘olhar’ (dizer o futuro ou dar consulta), mas porque isso me dava acesso aos conhecimentos dos babalaôs, que são as pessoas que transmitem oralmente todos os conhecimentos do povo ioruba” (citado por Nóbrega; Etcheverria, 2002, p. 201-202).

Prosseguindo, vejamos que o processo de consulta ao oráculo se desenrola em várias etapas, no santuário ou outro local reservado para esse fim. O babalaô permanece sentado, à beira da esteira, cercado de seus acessórios, principalmente o opelê (*òpèlè*), corrente metálica com duas seções, cada uma com inserções de quatro elementos côncavos, originalmente feitos com cascas vegetais; e também os iquines (*ikin*), sementes de dendezeiro; e o oponifá (*Opòn Ifá*), espécie de bandeja ou tabuleiro de madeira onde se desenham, sobre o pó ierossun (*iygròsùn*) nele espargido, os grafismos que representam os odus, melhor definidos adiante.

Diz a tradição que Arabá, considerado como o primeiro babalaô habitante da cidade sagrada de Ilé Ifé, plantou e fez crescer diante de sua morada um dendezeiro com dezesseis ramadas e, depois, ordenou que fossem cavados dezesseis buracos ao redor do tronco. Então, isto feito, dezesseis nozes de dendê brotaram e caíram dentro de cada uma das dezesseis cavidades, e cada noz gerou um dendezeiro, cada um com dezesseis ramadas, o que somou 256 nascidas das 16 originais. Elas continham todos os saberes de Ifá. Pois o número 16 é a cifra identificadora – o que em outras culturas se refere como “número cabalístico” – de Orunmilá e do oráculo Ifá.

Arabá transmitiu a outros homens seus conhecimentos. Assim, é nos saberes dos odus, expressos em milhares de narrativas literárias, conservadas na oralidade ao longo de séculos e, agora, aos poucos reunidas em escritos, que se encontram os exemplos de situações que ajudam o babalaô a determinar o procedimento ritual mais adequado ao caso de cada cliente. Por isso, o babalaô precisa conhecer bem os saberes dos dezesseis principais signos (odus) que compreendem os ensinamentos, bem como os resultantes das combinações entre eles, os quais, de início, perfazem um total de 256; mas se desdobram em milhares de parábolas que contêm as “lições”.

O objetivo a atingir ao fim da consulta, em qualquer caso que se apresente, é principalmente definir a conduta religiosa a seguir – tipos de oferendas e sacrifícios adequados, orações a fazer e proibições a respeitar –, tanto para que nada altere a situação esperada, quanto para afastar as forças negativas. Mas tudo isso sem a ideia de

“obediência” em relação ao Divino. Muito além de uma doutrina dogmática, Ifá é um instrumento de sabedoria legado pela Divindade para ser aplicado no mundo profano.

Assim, começamos a entender que qualquer pessoa que estude Ifá seriamente jamais poderá concordar com que termos como “feitiçaria”, “bruxaria” e “magia” sejam vinculados a este importante sistema, não só divinatório mas também literário e filosófico; e tampouco pode vê-lo associado a práticas demoníacas, satânicas ou equivalentes. Mesmo porque a essência da tradição africana distingue e afasta a magia maléfica, antissocial e destruidora, das práticas rituais destinadas a assegurar o bem-estar e o equilíbrio dos indivíduos e entre os grupos. E aqui fazemos eco ao cubano Souza Hernández, escritor e sacerdote de Ifá, para afirmar que da mesma forma que, ao longo da história, humanos têm criado “deuses” que se ajustem melhor aos seus interesses, o Inferno foi criado por classes detentoras de poder como meio para subjugar “em nome de Deus” as grandes massas. E essas massas, ante tal descrição aterradora da Eternidade, não perceberam nem compreenderam que, se há algo que realmente se parece com um inferno, é a Terra, o “lugar”, situado abaixo do céu, onde é gerada a energia negativa que o ser humano arrasta consigo, individual ou coletivamente (Souza Hernández, 1998, p.151–152).

Segundo o mencionado autor, Ifá é o pensamento tradicional iorubano por excelência; é o porta-voz e intérprete entre os orixás e os humanos; é a expressão condensada do pensamento; a compreensão e a sabedoria chegadas a nós artisticamente, concebidas em forma de parábolas, metáforas e poemas, nos quais os ensinamentos permitem que cada um os aprenda e aplique no seu dia a dia, metabolizando-os segundo sua própria análise e seu próprio nível de compreensão e sabedoria (Souza Hernández, 1998, p.153). Para nós, além disso, Orunmilá é o profeta, Aquele que comunica os desígnios do Ser Supremo, estando para Ifá como Jesus para o cristianismo, Maomé para o islamismo e outros sábios fundadores, para suas respectivas religiões.

No Capítulo 2 e na seção “Peculiaridades do Ifá Lucumí” do Capítulo 9, detalhamos a dinâmica da consulta ao oráculo.

O SURGIMENTO DO SISTEMA

Diz Ifá que o Mundo mal tinha sido criado quando, em Ilé Ifé, as Divindades primordiais se sentiram famintas e abandonadas, pois não recebiam dos humanos as oferendas a que faziam jus. Assim, alguns orixás ameaçaram os humanos com a possibilidade de retaliações. Mas Exu (Èṣù), o mensageiro, dono da força (Elègbára) que dinamiza o Universo, resolveu se aconselhar com Orungã (Orunga), filho de Iemanjá (Yemoja). Então esse poderoso orixá disse que já tinha a solução e que ela estava em dezesseis coquinhos de dendezeiro, de que alguns macacos tomavam conta num palmeiral.

Exu foi até os macacos, conseguiu os dezesseis coquinhos e os levou para Orungã que, após examinar e aprovar as sementes, disse ao mensageiro que cada uma delas

representava uma divindade de um lugar diferente. E lhe recomendou que viajasse a cada um desses lugares, pois neles ouviria, de dezesseis sábios, sentenças ou provérbios correspondentes a cada um dos coquinhos.

O inteligente Exu procedeu como determinara Orungã. E, como também foi instruído, levou as sementes de dendê até os humanos ingratos. Tomando conhecimento das importantes mensagens que os coquinhos transmitiam, os até então negligentes, agora sensibilizados e temerosos, acharam por bem aplacar a fome das Divindades e render-lhes as homenagens devidas. Nascia aí o sistema divinatório de Ifá.

UMA PRÁTICA TRANSCENDENTAL

A importância de Ifá entre os diversos povos do universo iorubá e vizinhanças revela-se, entre muitas outras evidências, no fato de que o primeiro dos quatro dias da semana, no calendário tradicional, anterior ao imposto pela colonização europeia, era chamado Ojó Awô (*Ojò Awo*), dia do segredo ou de Ifá. Os outros eram dedicados aos orixás Ogum (*Ògún*), Xangô (*Sàngo*) e Obatalá (*Obàtálá*) (Prandi, 2005, p. 27).

Mesmo nos tempos atuais, na tradição observada pelos iorubás, antes do início de qualquer acontecimento, qualquer que seja sua natureza – num casamento, no nascimento de uma criança, nos sucessivos estágios da vida humana; antes de um rei ser apontado, antes da investidura de um chefe, antes de qualquer pessoa assumir um cargo público, antes de uma viagem, em tempo de crise ou de doença –, em todo e qualquer tempo, o oráculo Ifá é consultado para orientação e segurança (Oduyoye, 1996, p. 95).

Entretanto, a utilidade de Ifá não está simplesmente no prognóstico; não é dizer qual o evento que sucederá amanhã. Em vez disso, seu papel, como expressão da Força Suprema, é fazer saber às pessoas quando devem tomar uma decisão, e qual a melhor forma de fazê-lo. E quais deverão ser as oferendas propiciatórias para receber do Sagrado ou Lhe agradecer pelo que for concedido. Ifá aconselha qual a melhor solução para um problema, mostrando como proceder para impedir que se cometam erros em qualquer planejamento que se faça. Ifá é a chave e a resposta para uma conduta discreta, inteligente e muito especialmente sábia no mundo. Ifá é o transmissor das mensagens da Força Suprema para que as questões terrenas sejam mais fáceis de enfrentar. E é a própria palavra da Força Suprema, emanada de Orunmilá, divino porta-voz, quando solicitado por qualquer pessoa, seja ou não um sacerdote, seja ou não um seguidor de qualquer religião.

Segundo Bascom (1969b, p. 80), Ifá é antes de tudo Aquele que transmite e interpreta os desígnios, os caminhos traçados por Olorum (*Olòrun*) para a Humanidade, e que prescreve os sacrifícios que Exu deve levar até Ele. Esta importância da prática divinatória ortodoxa de Ifá, se comparada a métodos também importantes porém mais simples de consulta, como aqueles em que se usam búzios ou nozes de cola (*obi*), deve-

se provavelmente ao fato de que, exceção feita às orações, Ifá é que promove o acesso mais direto a Olorum – que é Quem controla o destino dos humanos. Assim, quaisquer que sejam as divindades pessoais que cultuem, todos os seguidores da tradição religiosa iorubá recorrem a Ifá na hora de problemas e, sob o conselho do babalaô, fazem sacrifícios para Exu-Elegbara e, através d’Ele, a Olorum.

Esta importante trindade é acessível a todas as pessoas; e, juntos, Olorum, Ifá-Orunmilá e Exu-Elegbara concedem aos humanos as possibilidades de alcançar as conquistas destinadas a cada um, desde antes de o espírito do ancestral guardião ter nele renascido. A função de Ifá é, portanto, transmitir aos humanos as mensagens e desígnios de Olodumare-Olorum-Olofin, num trabalho bastante complexo.

Pela complexidade dessa comunicação, um simples sacerdote jamais poderá conhecer completamente todo o conjunto de saberes de Ifá. Mas o babalaô, especialmente iniciado e instruído, e ocupando qualquer patamar da hierarquia sacerdotal, pode, através do Oráculo, revelar, por exemplo, qual o orixá mais indicado para receber sob seus cuidados e proteção uma criança recém-nascida, ou seja: qual é a divindade da qual provém a herança espiritual do ser que acaba de ganhar existência terrena. É também o sacerdote de Ifá quem, em tempos difíceis, em caso de enfermidades, problemas financeiros etc., pode revelar quais as entidades indicadas para falar da situação; e na condição de mensageiras da Força Suprema, levar até a pessoa a mensagem Dela emanada (texto adaptado de citação apócrifa em Garcia-Cortez, 1980, p. 78–79).

Sendo então um oráculo com uma religião de firme estrutura organizada ao seu redor, Ifá é, também, um sistema de acesso às divindades, rico e denso em metáforas e lirismo, que os iorubás da Nigéria e vizinhanças utilizam há vários séculos (cf. Gates Jr., 1996, p. 163). Através dos odus, Ifá reporta acontecimentos que ocorreram às divindades durante as vidas terrenas de seus avatares, “caminhos” ou “qualidades”. E as informações são passadas por meio de fábulas e parábolas com fundo moral que servem como guias para a vida cotidiana durante toda a existência, orientando a trajetória de quem busca aconselhamento (Fernández Martinez; Porras Potts, 1998, p. 59).

SERES HUMANOS E ESPIRITUAIS

No saber tradicional iorubá, a pessoa humana se compõe de três elementos fundamentais perceptíveis: o corpo (*ara*); a sombra do corpo (*ojiji*), que desaparece com ele; e a mente (*òye*), localizada na cabeça (*orí*) e que, distinta do saber (*ero*), o indivíduo perde com a demência. Como elementos indestrutíveis, a pessoa tem o coração (*Qkàn*), não o músculo cardíaco, mas a sede dos sentimentos e dos valores; o sopro vital (*emi*) que abandona o corpo quando a respiração cessa em definitivo; e finalmente o espírito, regente da cabeça (*Orí*), que renasce com a reencarnação no descendente do ancestral a que antes pertenceu (Valência Barco, 1982, p. 134–135).